

**As traduções brasileiras da obra *Orgulho e Preconceito* de
Jane Austen**

**The brazilian translations of the work *Pride and Prejudice* by
Jane Austen**

**Las traducciones brasileñas de la obra *Orgullo y Prejuicio* de
Jane Austen**

Aline Benato Soares (UTFPR *Campus* Pato Branco) (CAPES)¹

Mirian Ruffini (UTFPR *Campus* Pato Branco)²

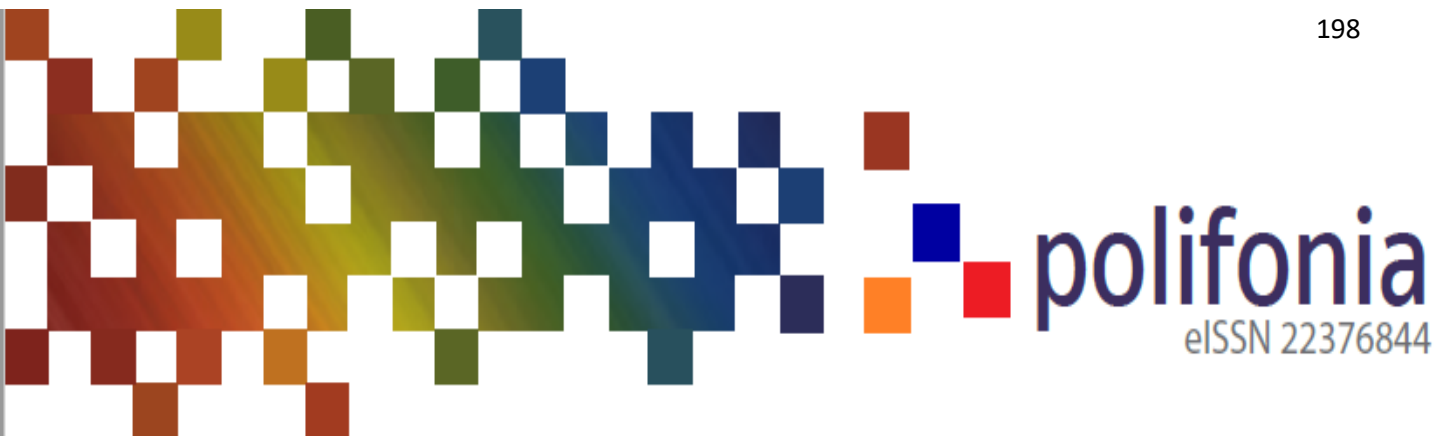
Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar os aspectos do micronível na obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. Escolhemos duas traduções, sendo elas: a de Marcella Furtado publicada pela editora Landmark em 2015, e a tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada pela editora Martin Claret no ano de 2012. Essas duas traduções serão comparadas, tendo como base o texto fonte escrito em língua inglesa, publicado em 1813. Para nossa análise utilizaremos a teoria dos Estudos Descritivos da Tradução de Gideon Toury (2012), a baliza do esquema tradutório proposta pelos teóricos Lambert e Vand Gorp (2006), na qual estão descritos os aspectos do micronível do texto fonte e do texto alvo, no que tange aos procedimentos tradutórios. Os resultados obtidos, foram os de que uma tradução pode ser considerada mais estrangeirizante e a outra mais domesticada, de acordo com a teoria de Venuti (2002).

Palavras – chave: tradução, micronível, literatura.

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras PPGL da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus de Pato Branco. Bolsista CAPES – DS. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Professora Dra. Mirian Ruffini. Doutorado em Estudos da Tradução (UFSC, Florianópolis-SC, 2015).



Abstract

The present article aims at aspects of micro-level in Jane Austen's *Pride and Prejudice*. Two translations were chosen: one by Marcella Furtado, published by the Landmark publisher in 2015, and the other translated by Roberto Leal Ferreira, published by the Martin Claret publisher in the year 2012. In this article the two translations will be compared, having as a basis the original text, written in English and published in 1813. To do so, the goal of the translation scheme proposed by the theorists Lambert and Vand Gorp (2006) is used, and we will analyze the aspects of micro-level present in both translations. The results obtained were that one translation had more foreign traits and the other had more domesticated traits, according to Venuti's theory (2002).

Keywords: Translation, micro-level, literature.

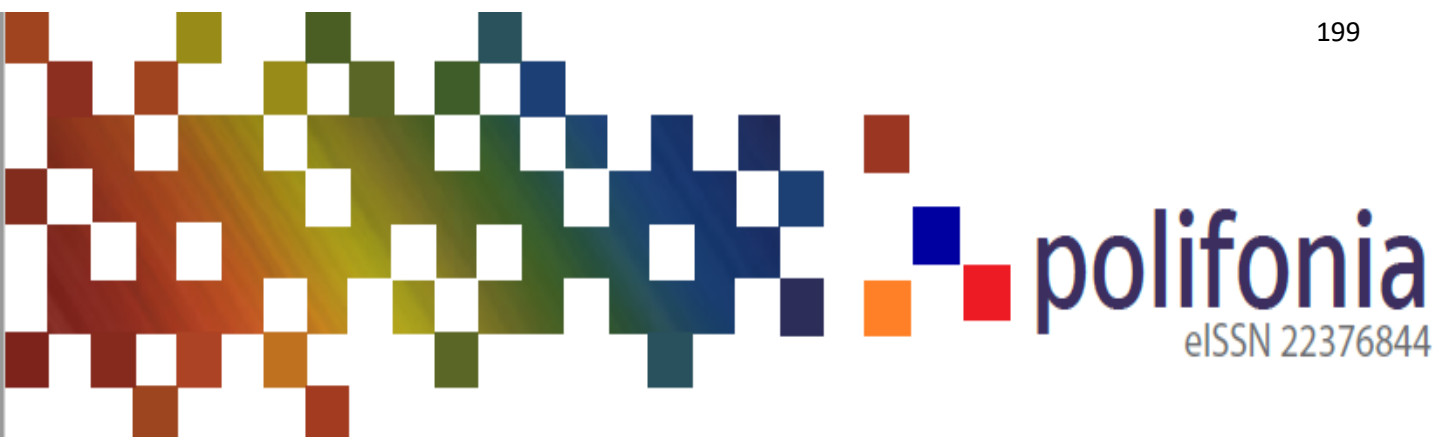
Resumen

El presente artículo tiene por objetivo analizar los aspectos del micronivel en la obra *Orgullo y Prejuicio* de Jane Austen. Elegimos dos traducciones, siendo ellas: la de Marcella Furtado publicada por la editora Landmark en 2015, y la traducción de Roberto Leal Ferreira, publicada por la editora Martin Claret en el año 2012. Estas dos traducciones serán comparadas, teniendo como base el texto fuente de 1813. Para nuestro análisis utilizaremos la teoría de los Estudios Descriptivos de la Traducción de Gideon Toury (2012), a indicación del esquema de traducción propuesto por los teóricos Lambert y Vand Gorp (2006), en la que se describen los aspectos del micronivel del texto fuente y del texto objetivo en lo que se refiere a los procedimientos de traducción. Los resultados obtenidos, fueron los de que una traducción puede ser considerada más extranjerizante y la otra más domesticada, de acuerdo con la teoría de Venuti (2002).

Palabras clave: traducción, micronivel, literatura.

1. Para refletir

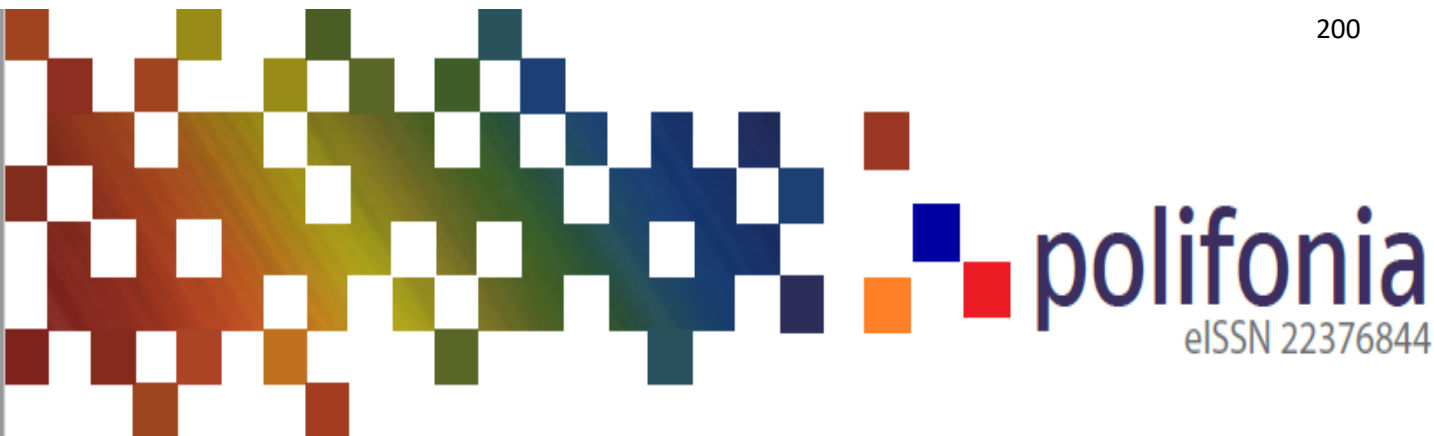
Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775, em Hampshire, Inglaterra e morreu em 1817, aos 41 anos, o que fez com que muitas especulações surgissem acerca do motivo de sua morte. Entretanto, nenhum cientista conseguiu comprovar qual foi o real motivo de seu falecimento. A autora começou a escrever desde muito cedo. Em seus escritos existem cartas, uma peça de teatro, contos, seis novelas completas e algumas novelas inacabadas. A obra *Orgulho e Preconceito*, publicada em 1813, relata a história de Elizabeth Bennet, que se apaixona pelo Sr. Fitzwilliam Darcy.



Em meio a uma história de primeiras impressões e julgamentos, vislumbramos nessa obra um retrato da sociedade que Jane Austen conheceu, pois como afirma seu sobrinho James Edward Austen Leigh na primeira biografia escrita sobre Jane Austen: “Seus conhecidos, na verdade, constituíam a mesma classe da qual ela retirava suas personagens, variando do membro do parlamento ou do proprietário de grandes terras, ao jovem pároco ou ao mais novo aspirante da marinha, de família igualmente boa.” (AUSTEN-LEIGH, 2014, p. 25).

A obra *Orgulho e Preconceito* gira em torno dos desenlaces matrimoniais, o título *Orgulho e Preconceito* pode referir-se entre diversos fatores, à primeira impressão que Elizabeth e Darcy causaram um ao outro quando se conheceram, pois como afirma Catherine Reef (2014): “Ao final do romance, Elizabeth terá ensinado Darcy a superar seu orgulho e ela terá subjugado a impressão equivocada que tivera no primeiro encontro.” (p. 131). O título original da obra seria “Primeiras Impressões”, e foi escrito entre 1796 e 1797, mas a obra nunca foi publicada com esse título. Posteriormente, o livro foi revisado e publicado em 28 de janeiro de 1813. É o romance mais famoso de Jane Austen, foram publicadas três edições de 1813 a 1817 e outras milhares de edições foram lançadas depois desse período, em diversos idiomas. O livro *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen pode ser considerado um dos romances mais populares da escritora, nele Austen nos traz uma narrativa que discute as questões matrimoniais, como se dão as primeiras impressões e os pré-julgamentos, as relações familiares, os costumes e as tradições. A obra tem como cenário a sociedade aristocrática rural da Inglaterra do século XIX, a história se passa em Hertfordshire e relata os primórdios dos desentendimentos do casal protagonista, sendo eles Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy. De acordo com Reef:

Assim como Austen, Elizabeth estuda a natureza humana. “As pessoas mudam tanto que há sempre algo novo para observarmos”, diz a personagem. Aquela que a criou também é sua fã. “Devo confessar que eu a considero a criatura



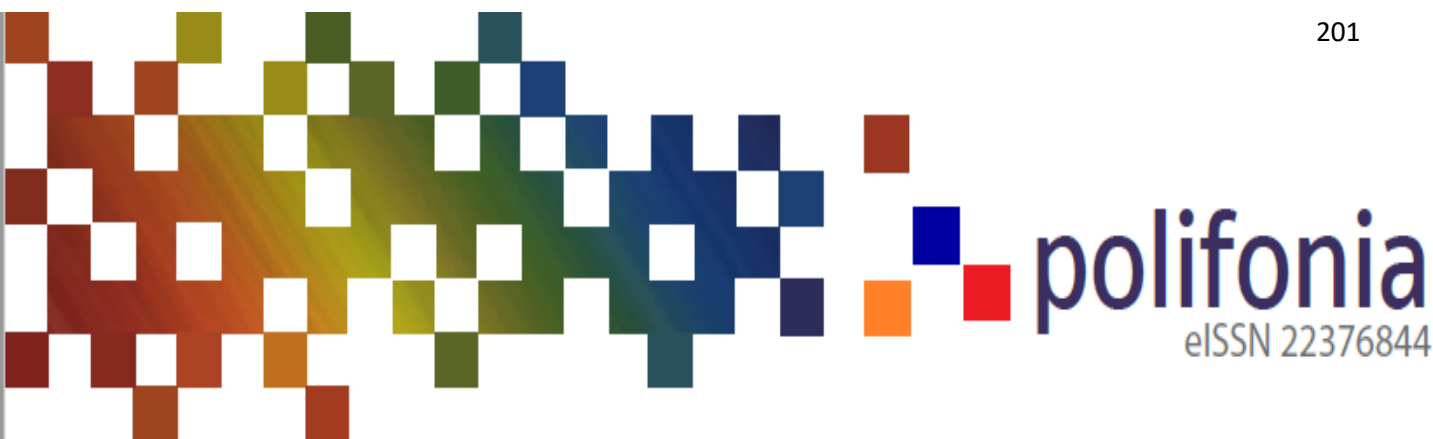
mais encantadora que já esteve presente num livro”, admitiu Austen. “Como devo ser capaz de tolerar aqueles que não gostam dela ao menos um pouco, eu não sei.” (REEF, 2014, p.131).

Orgulho e Preconceito é uma obra marcada pela transição da fase inicial para os trabalhos da maturidade de Austen, evidenciada pela sutileza e pela ironia. Sendo um espelho da estrutura social da Inglaterra do final do século dezoito e início do dezenove, transpõe as relações de poder vivenciadas na época. Bem como, os papéis exercidos pelos homens e pelas mulheres. Além do poder econômico, que quase sempre estava em favor dos homens. A protagonista Elizabeth Bennet buscava se casar por amor. Fato muito incomum na sociedade da época; a forte personagem queria encontrar dentro da instituição matrimonial um espaço para que pudesse ser feliz.

No desenrolar da história conhecemos melhor a personalidade da protagonista Elizabeth Bennet, uma jovem de 20 anos, extremamente sagaz e inteligente, e uma das personagens mais complexas de Jane Austen. Elizabeth é completamente centrada e autoconfiante; Lizzy como sua família costuma chamá-la, possui muita sabedoria no que desrespeito às relações sociais, fator que causa admiração nos leitores, pois o rico Sr. Darcy que possuía a notável renda de 10 mil libras por ano e muitas propriedades se espanta defronte a força de espírito e sagacidade de Elizabeth. A protagonista serve como alicerce moral de sua família, pois está sempre tirando sua mãe suas irmãs de situações delicadas em relação às convenções sociais.

Podemos afirmar que esse é um romance atemporal, pois suas temáticas acerca do comportamento humano, sempre serão atuais, o que explica, de certo modo, o seu sucesso, e o número de edições e reedições de *Orgulho e Preconceito* lançadas nos mais diversos polissistemas literários. O encantamento por *Orgulho e Preconceito* surgiu desde que a obra foi escrita, pois como afirma Reef:

Jane anotou a reação dos leitores de *Emma* como fizeram com *Mansfield Park*. Cassandra gostou mais do novo romance do que de *Orgulho e Preconceito*,



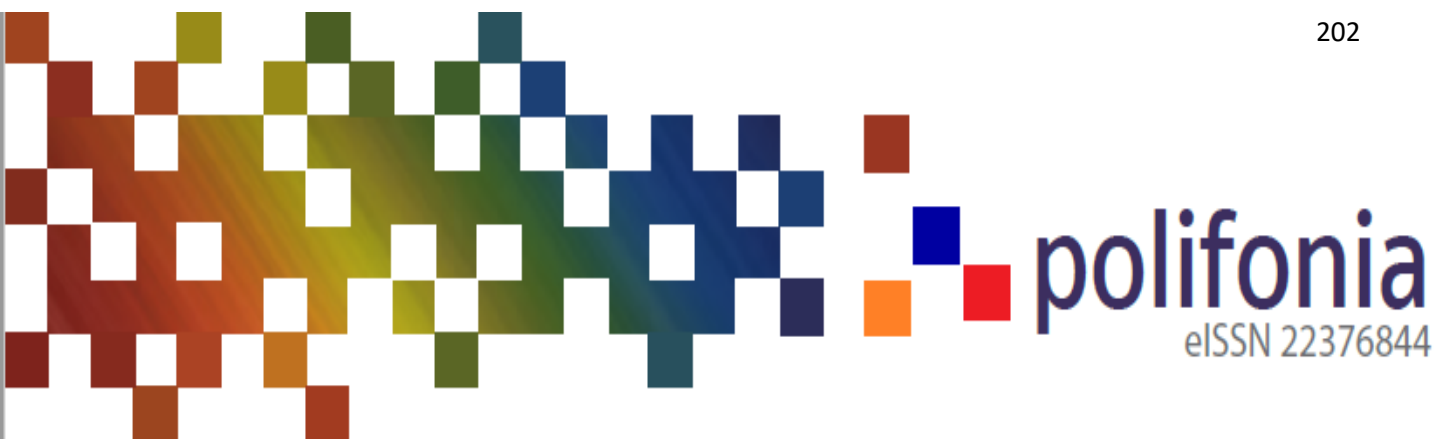
mas *Mansfield Park* continuava sendo o seu favorito. A Sra. Austen discordou, considerando *Emma* mais interessante do que *Mansfield Park*, mas não tão interessante quanto *Orgulho e Preconceito*. Na opinião da mãe nenhum personagem era comparável a Lady Catherine e o Sr. Collins de *Orgulho e Preconceito*. Os tios ricos de Jane Austen, os Leigh Perrot, “viam muitas belezas” em *Emma*, “mas não o achavam comparável a *Orgulho e Preconceito* – Darcy e Elizabeth haviam estragado o gosto deles para qualquer outra coisa”. (REEF, 2014, p.177)

Dessa forma, até os comentários dos familiares de Austen, demonstram que apesar de suas outras obras serem boas, *Orgulho e Preconceito* sempre será visto como um livro singular. As características marcantes da personagem principal – Elizabeth Bennet fazem com que essa singularidade se torne ainda mais forte:

Elizabeth possui um milhão de defeitos, observou um crítico em 1898. “Muitas vezes é irracional, atrevida, audaciosa, imprudente; e mesmo assim consegue se sair esplendidamente bem de todas as situações!” Ela é intensa até o último fio de cabelo. Lizzy Bennet é tranquilamente a personagem mais cativante de todos os livros de Jane Austen. Ela é articulada, perspicaz e inteligente o bastante para aprender com as experiências. (REEF, 2014, p. 131)

Verificada a importância da obra em questão para os estudos de Literatura de Língua Inglesa, e para os Estudos Descritivos da Tradução, principalmente no que se refere ao polissistema literário brasileiro, abordaremos essa novela austiana em nossa análise. De acordo com a teoria dos Polissistemas Literários de Even-Zohar (1990), os leitores são uma entidade para a qual a literatura é produzida. Ele adota então o termo “consumidor”, afirmando que existem consumidores literários diretos e indiretos, sendo todos os membros de qualquer comunidade definidos como consumidores indiretos de literatura, pois esses consumidores indiretos consomem fragmentos literários transmitidos por diversos agentes culturais que fazem alusões às obras no discurso diário.

Os consumidores diretos, por sua vez, são aquelas pessoas que se interessam por literatura e participam de forma ativa do sistema literário. E são esses leitores diretos e indiretos que fazem com que uma obra continue sendo lida, mesmo com o passar do

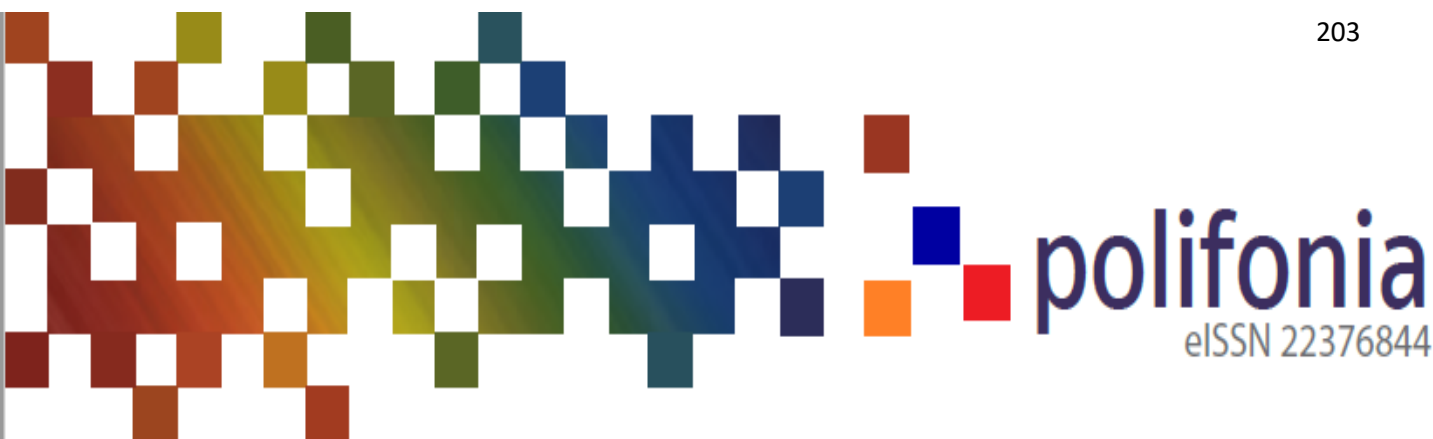


tempo. Os polissistemas operam de forma sincrônica e diacrônica (EVEN-ZOHAR, 1990, p.12). Aplicando-se essas noções ao nosso objeto de pesquisa, permitimo-nos dizer que Jane Austen foi conhecida em séculos passados e permanece alcançando milhares de fãs, mesmo com o passar dos anos. De forma que isso só é possível, porque suas obras permanecem sendo traduzidas para diferentes idiomas, contribuindo assim, para a formação de novos sistemas literários.

Sendo assim, esse estudo tem o objetivo de verificar a preservação dos elementos culturais ingleses constantes no texto fonte após os processos tradutórios utilizados nas traduções de *Orgulho e Preconceito* aqui elencadas. Por meio da microanálise de duas traduções brasileiras da obra, bem como a macroanálise dos paratextos dos livros aqui analisados, procuramos, entre outros aspectos, compreender qual é o público alvo de ambas as traduções.

Para a análise paratextual utilizaremos a teoria de Genette (2006) e três versões da obra *Orgulho e Preconceito*, sendo elas a tradução de Marcella Furtado publicada pela editora Landmark no ano de 2015, a tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada pela editora Martin Claret no ano de 2012, e a versão em língua inglesa de Thomas Egerton Military Library. Curiosamente Jane Austen vendera os direitos autorais de sua obra publicada no ano de 1813, em Londres para essa editora, e o texto publicado por essa empresa está presente na Edição Bilingue do livro *Orgulho e Preconceito*, da Editora Landmark no contexto brasileiro.

Dessa forma, indagamos: As traduções de Roberto Leal Ferreira e de Marcella Furtado preservam traços culturais marcantes da Inglaterra do século XIX? Os procedimentos técnicos de tradução utilizados pelos dois tradutores fazem do texto alvo um texto domesticado, segundo a teoria de Venuti (2002), isto é, um texto que se aproxima da cultura brasileira? Assim, procuramos levantar evidências de um projeto tradutório no aspecto do micronível textual que aponte tendências à estrangeirização ou à domesticação.



2. Para provocar discussão

A metodologia de trabalho neste artigo é norteada pela teoria dos Estudos Descritivos da Tradução, de Gideon Toury (2012), com enfoque na cultura do texto de chegada, por meio da qual analisaremos os aspectos do micronível do texto fonte e do texto alvo, no que tange aos procedimentos tradutórios. Seguindo também a baliza do esquema tradutório proposto pelos teóricos José Lambert e Hedrik Van Gorp (2006, ANEXO).

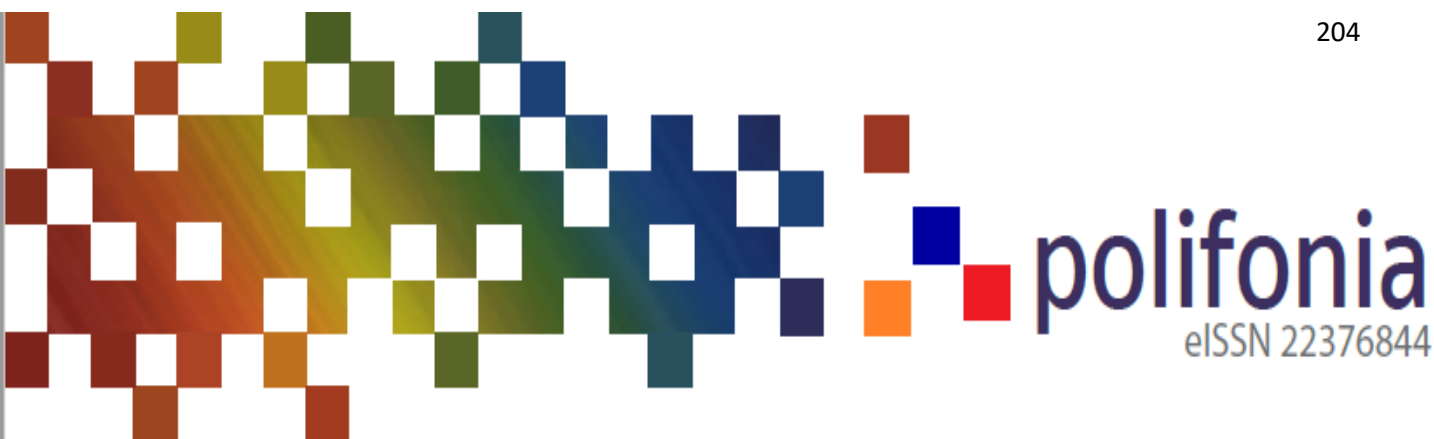
Iniciando a macroanálise da tradução, podemos comparar as duas capas dos dois livros e os seus paratextos. De acordo com a teoria de Gerard Genette (2006, p.9), os paratextos que acompanham um livro são de suma importância para compreender quais são os possíveis públicos alvo das duas editoras. O quadro abaixo possui informações importantes referentes as duas traduções brasileiras que serão aqui analisadas.

Quadro 1: Traduções da obra *Orgulho e Preconceito* para o português brasileiro

Título Original e Versão	Ano do livro utilizado para tradução	Título	Tradutor	Editora	Ano da Publicação da Edição
Pride and Prejudice	1813	Orgulho e Preconceito	Roberto Leal Ferreira	Martin Claret	2012
Pride and Prejudice	1813	Orgulho e Preconceito – Versão Bilingue	Marcella Furtado	Landmark	2015

Fonte: Elaborado pela autora com base na obra consultada

A tradução de *Orgulho e Preconceito* da editora Martin Claret possui tradução de Roberto Leal Ferreira, revisão de Claudia Lins, foi publicada em 2012 em São Paulo e



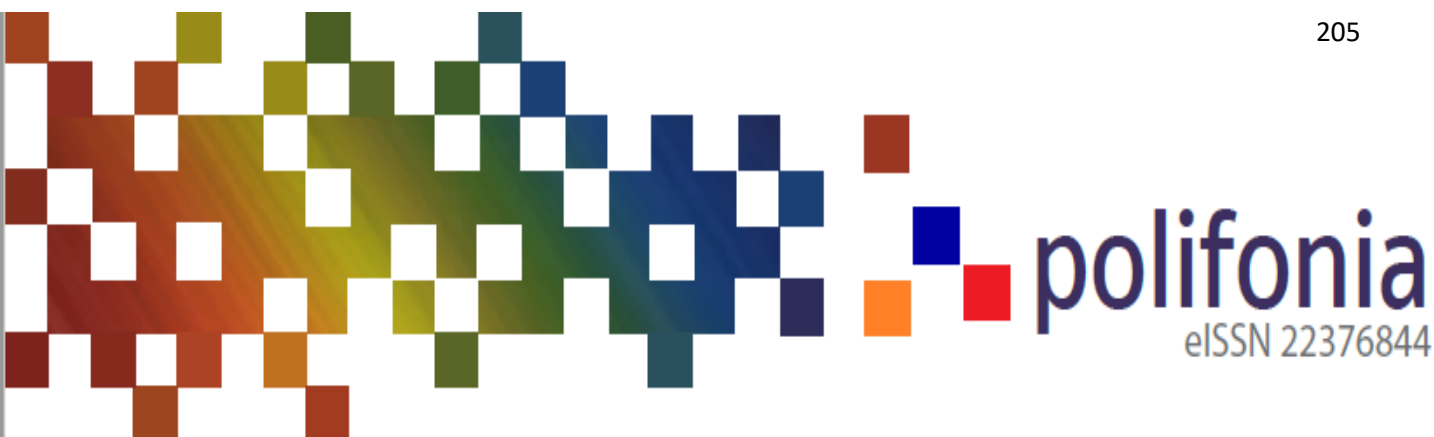
seu design de capa e miolo foi realizado por Manu Santos Design. A capa é romântica, elaborada em um tom de rosa forte, com imagens de flores delicadas somente contornadas ao fundo. O nome da autora aparece em letras grandes; já o título da obra aparece em letras cursivas. Logo abaixo podemos encontrar o nome do tradutor e a logo da editora.

Em cada divisão de capítulo o que podemos denominar como miolo, encontramos a mesma arte floral da capa em cada divisão de capítulo, que nesse caso são 61. O livro possui 479 páginas, e uma informação interessante é que na folha de rosto da obra encontramos a informação de que o texto é integral. A lombada possui o nome da obra, da autora e da editora.

A contracapa do livro possui seu resumo escrito em um retângulo com fundo dourado, o que confere aparência luxuosa ao livro, a aparência luxuosa da capa nos mostra quanto bem Jane Austen foi recebida e desta forma consolidada no polissistema literário brasileiro. Logo abaixo do nome da autora e do nome da obra, encontramos a frase mais conhecida da obra *Orgulho e Preconceito* que fala que um homem que possui uma grande fortuna deve estar à procura de uma esposa, sucessivamente há um resumo da história e elogios a obra, o resumo é praticamente igual ao da versão de bolso publicado pela mesma editora.

A edição bilíngue de *Orgulho e Preconceito*, publicada pela Editora Landmark no ano de 2015, possui tradução e notas de Marcela Furtado. O prefácio foi escrito pelos editores Fabio Pedro Cyrino e Francisco de Freitas e tal edição é considerada pela editora uma edição de luxo que nos mostra como Austen é valorizada no polissistema literário brasileiro. A capa possui a imagem do filme produzido pela Universal Studios, o que evidencia a nova tendência do século XXI de tentar promover uma obra literária por meio do cinema.

A adaptação cinematográfica de *Orgulho e Preconceito* foi lançada em fevereiro de 2006, tendo direção de Joe Wright, roteiro de Emma Thompson e Deborah Moggach e figurino de Jacqueline Duran. A atriz Keira Knightley interpretou Elizabeth Bennet e o ator Matthew Macfadyen interpretou o Sr. Darcy; o filme foi um sucesso de bilheteria



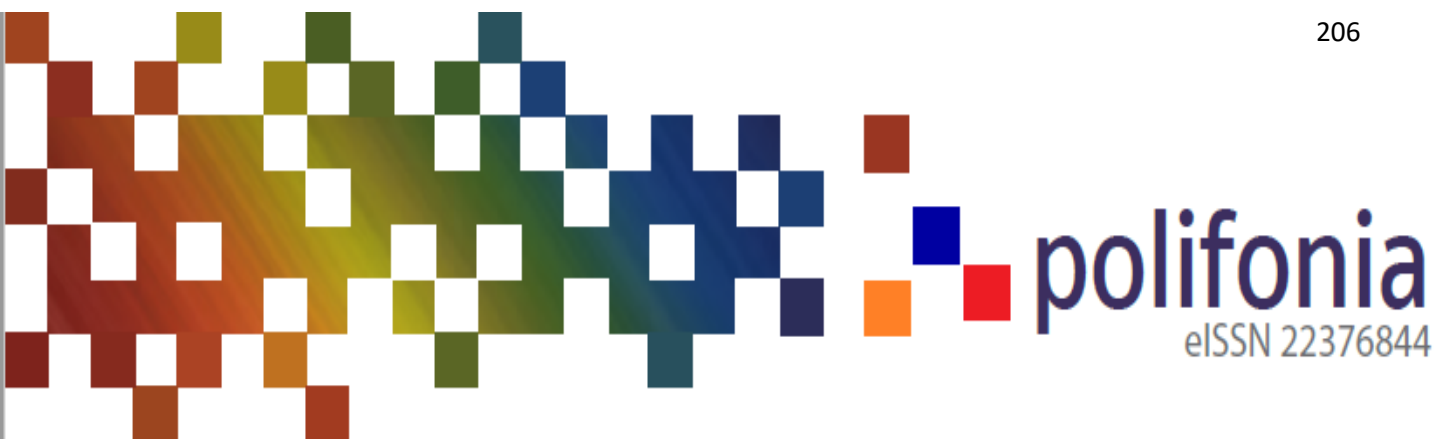
e aparece na capa do livro da editora Landmark dentro de uma moldura dourada. O título do livro e nome da autora e da editora aparecem logo abaixo; o sobrenome Austen está em letras maiores do que todas as outras informações, por isso podemos perceber que provavelmente a editora queira destacar o nome da autora, fato que nos faz lembrar de sua importância para a literatura mundial. A lombada possui o título da obra, o nome da autora e logo da editora.

Já a contracapa do livro possui um fundo marrom, mas não possui nenhum resumo da obra ou da vida da escritora, somente a frase inicial do livro. O mais interessante desta versão é que os capítulos em língua portuguesa são logo precedidos pelos capítulos em língua inglesa, o que facilita na compreensão da tradução. A folha de rosto desta edição é luxuosa, o que nos mostra como Jane Austen é uma escritora consolidada no polissistema literário brasileiro.

A versão em língua inglesa contida no livro é o primeiro texto da obra *Orgulho e Preconceito*, o que nos mostra que possui uma ligação clara com a cultura fonte. Por essa ser uma tradução bilíngue, demonstra, a ênfase na língua e cultura do texto de partida, oferecendo desta forma ao leitor brasileiro, uma visão deste contexto. No prefácio encontramos uma maravilhosa crítica da frase mais celebre de *Orgulho e Preconceito*, que consta na contracapa desta edição:

O principal tema do livro é contemplado logo na frase inicial, quando sua autora menciona que um “homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa”. Com essa citação, Jane Austen faz três referências importantes: a autora declara que o foco da trama será os relacionamentos e os casamentos, dá um tom de humor à obra, ao falar de maneira inteligente acerca de um tema comum, e prepara o leitor para uma “caçada” de homens em busca da esposa ideal e de mulheres perseguindo pretendentes. (CYRINO, FREITAS, 2015, p.7 *apud* AUSTEN, 2015, p.7)

Podemos considerar tal prefácio, como um prefácio introdutório, pois além de fomentar a leitura ele possui críticas inovadoras à obra. E cumpre a função do “prefácio original”, segundo Genette “O prefácio autoral assuntivo original, que abreviaremos,

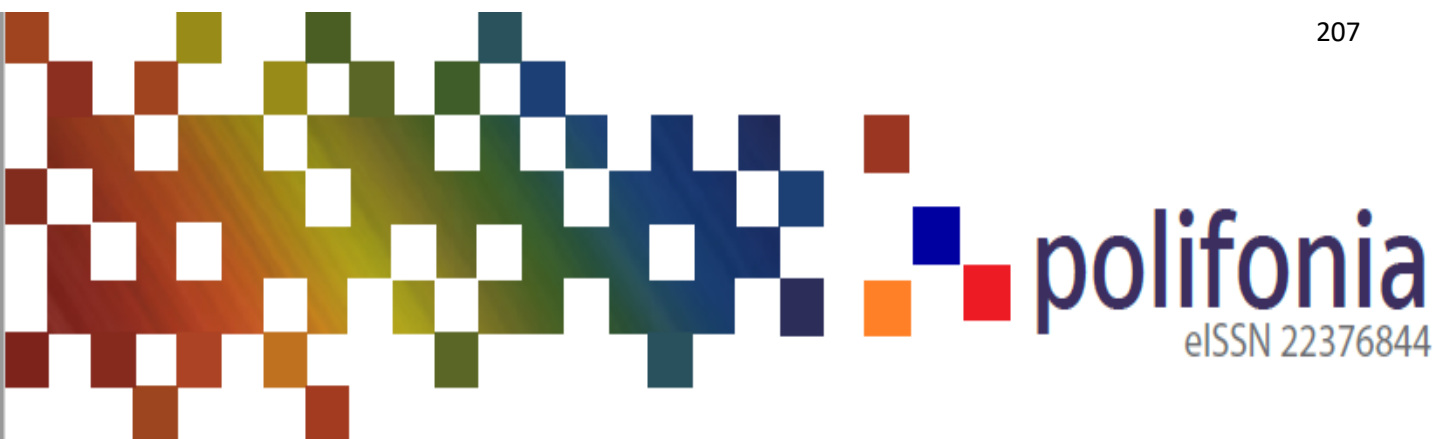


portanto, para prefácio original, tem por função principal garantir ao texto uma boa leitura.” (GENETTE, 2006, p.176), por isso pode ser considerado um bom prefácio, pois faz uma relevante introdução a obra. A edição da editora Landmark da obra *Orgulho e Preconceito* pode ser considerada inovadora, e possui diversas informações importantes em seus paratextos.

Comparando as duas capas, percebemos que a capa da editora Landmark possui uma imagem de uma adaptação, diferentemente da capa da editora Martin Claret, que possui somente desenhos florais românticos. A capa da editora Landmark destaca mais o nome da autora, e a capa da editora Martin Claret destaca mais o nome da obra. O nome da editora consta nas duas capas, mas somente na capa da editora Martin Claret encontramos o nome do tradutor. Por isso, podemos concluir que a capa da editora Landmark tem o potencial de atrair pessoas que já assistiram ao filme, enquanto a capa da editora Martin Claret provavelmente busque atrair pessoas que já possuam um conhecimento prévio da obra.

Ao analisarmos os paratextos dos dois livros podemos perceber que a versão de *Orgulho e Preconceito* da Editora Landmark e a versão da Editora Martin Claret se igualam no que se refere aos paratextos, pois, a versão da editora Landmark possui prefácio e notas. A versão da editora Martin Claret possui apenas orelha, com maior limite de informações. Contudo, todos os paratextos de ambas as versões são significativos para o conjunto das obras em questão e possuem seus próprios benefícios.

A análise das diferentes culturas, brasileira e inglesa, pode ter representado para Roberto Leal Ferreira e Marcella Furtado fonte de elementos para seu processo de tradução. Visto que abordam duas culturas muito diferentes, e por se tratar de um livro clássico, escrito em um período aristocrático, existem muitos termos e costumes desconhecidos para os leitores brasileiros. Inferimos que as duas traduções possivelmente levaram em consideração o contexto em que a obra foi escrita e também o contexto para qual a obra foi traduzida, pois, como afirma Robinson “Talvez seja seguro dizer que



nunca houve uma época em que a comunidade de tradutores ignorasse as diferenças culturais e sua importância para a tradução” (ROBINSON, 2002, p.299).

As diferenças culturais devem sempre ser levadas em consideração pelo tradutor, tanto o contexto de chegada quando o contexto de partida. Gideon Toury (2012, p.20) afirma em seus Estudos Descritivos da Tradução que no ato tradutório três fatores devem ser levados em consideração de maneira unificada, sendo eles a função que uma obra desempenha no sistema de produção e no sistema de chegada, o processo de elaboração de tal tradução e a tradução em si - o resultado do processo tradutório.

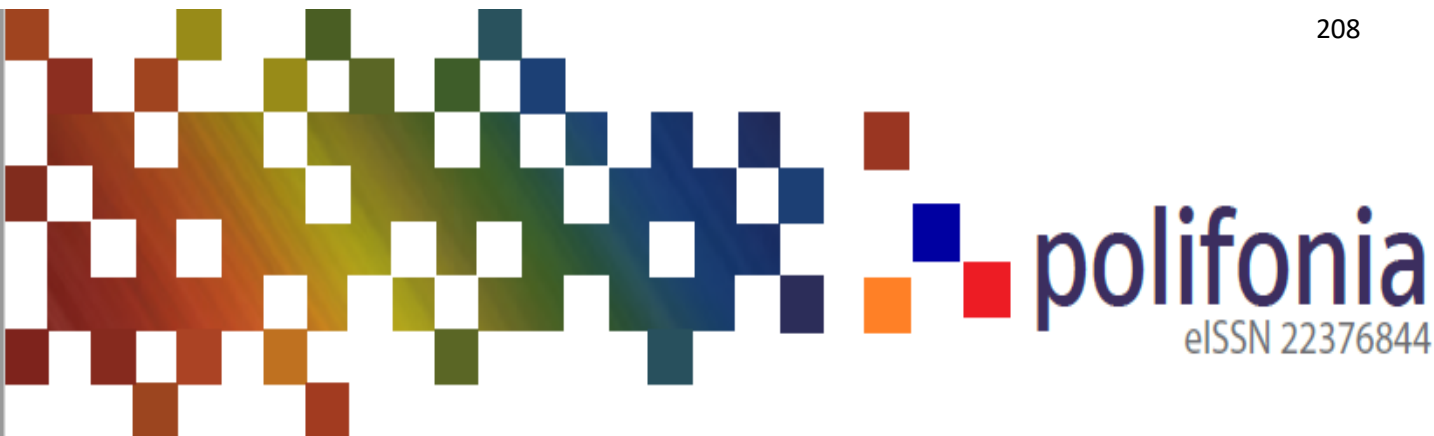
Na versão bilíngue da editora Landmark de *Orgulho e Preconceito* temos a oportunidade de entrar em contato com os dois textos, o originário, em língua inglesa, e a tradução de Marcella Furtado em Língua Portuguesa. Tomando como primeiro exemplo a frase mais célebre de *Orgulho e Preconceito* que inicia o primeiro capítulo da obra e que está presente em praticamente todas as contracapas das edições lançadas no Brasil, iniciaremos nossa análise. A frase de Jane Austen assim diz:

It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife. (AUSTEN, 2015, p. 10)

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa. (AUSTEN, 2015, p.11, tradução de Marcella Furtado)

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa. (AUSTEN, 2012, p.9, tradução de Roberto Leal Ferreira)

Observando as escolhas dos tradutores nos excertos acima citados, podemos perceber que a tradução de Marcella Furtado parece mais estrangeirizante, ou ligada ao texto original. Por outro lado, a tradução de Roberto Leal Ferreira apresenta-se mais resumida e objetiva, talvez indicando uma preocupação do tradutor com a domesticação do texto. Marcella Furtado mantém o seu texto mais próximo ao original quando traduz – “possession of a good fortune” para “possuidor de uma grande fortuna”, e já Roberto Leal Ferreira opta pela construção de que tal homem é “muito rico”. E quando aborda a questão da esposa, Furtado (2015) mantém a sua tradução mais próxima do texto



originário traduzindo: – “must be in want a wife” para “deve estar em busca de uma esposa”; trecho ao qual Ferreira (2012) continua optando pela objetividade quando traduz que esse homem “precisa de uma esposa”.

Ao observarmos as duas obras em questão percebemos que a tradução de Marcella Furtado é mais estrangeirizante e a versão de Roberto Leal Ferreira é mais domesticada. A teoria da domesticação e estrangeirização e que também tratava sobre os diferentes métodos de tradução, cunhada por Friedrich Schleiermacher (1813) foi adaptada por Venuti (2002) para os estudos culturais, revelando que “Um projeto tradutório pode se distanciar das normas domésticas a fim de evidenciar a estrangeiridade do texto estrangeiro e criar um público-leitor mais aberto a diferenças linguísticas e culturais.” (VENUTI, 2002, p. 166) e é isso que a tradução de Furtado (2015) demonstra, pois é uma tradução estrangeirizante.

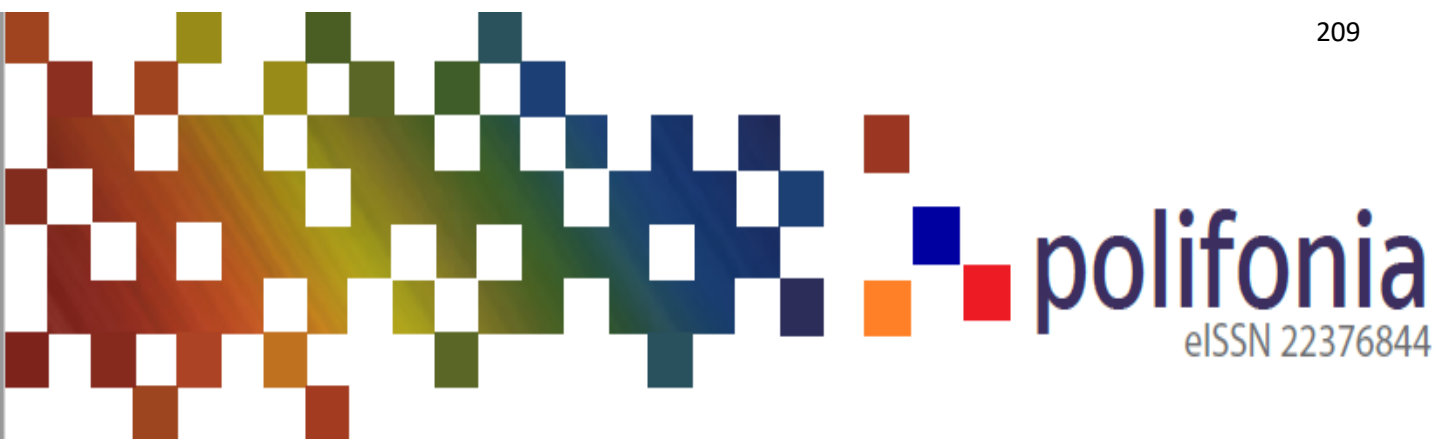
Podemos perceber mais traços desta tradução estrangeirizante de Furtado (2015) quando olhamos para trechos da obra, por exemplo, quando o Sr. Darcy se declara para Elizabeth Bennet ele a toma de surpresa, porque ela não esperava que isso acontecesse. Darcy se declara, dizendo que está cansado de lutar e que não quer mais reprimir seus sentimentos, e que a ama ardentemente e a admira. É muito interessante como Furtado (2015) e Ferreira (2012) traduziram tais sentenças, conquanto ambos optaram por escolhas diferentes de vocábulos para exprimir os sentimentos do Sr. Darcy. Vejamos:

In vain I have struggled. It will not do. My feelings will not be repressed. You must allow me to tell you how ardently I admire and love you. (AUSTEN, 2015, p.220)

Tenho lutado em vão. Não resistirei. Meus sentimentos não serão reprimidos. Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente eu amo e admiro você. (AUSTEN, 2015, p.221)

Tentei lutar, mas em vão. Não consigo mais. Não posso reprimir meus sentimentos. Você tem de me permitir dizer com quanto ardor eu admiro e amo você. (AUSTEN, 2012, p. 248)

Furtado (2015) traduz “My feelings will not be repressed” para “Meus sentimentos não serão reprimidos”, mas Ferreira (2012) traduz “Não posso reprimir meus

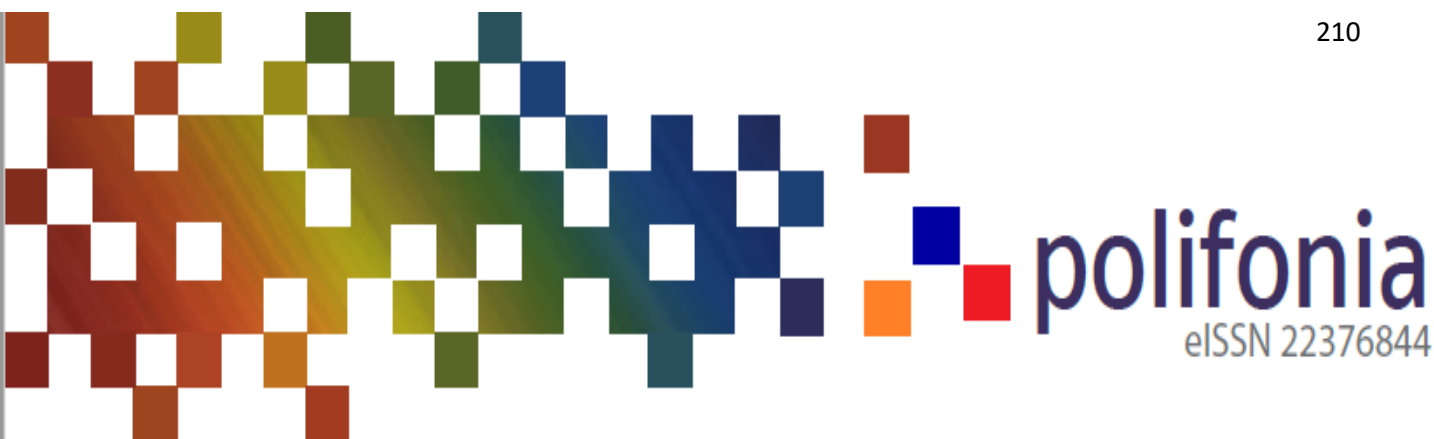


sentimentos”. Podemos observar que Ferreira inverte a tradução dessa frase e opta por uma tradução diferenciada de alguns vocábulos - possivelmente pensando na compreensão do público alvo, pois como já falamos anteriormente a tradução de Ferreira parece mais domesticada e o texto de Furtado parece mais estrangeirizante, na frase “You must allow me to tell you how ardently I admire and love you” Furtado (2015) traduz “Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente eu amo e admiro você”, tal tradução permanece mais similar ao texto original, mas Ferreira (2012) traduz tal sentença da seguinte forma: “Você tem de me permitir dizer com quanto ardor eu admiro e amo você”.

Ferreira (2012) parece traduzir o texto na direção de uma domesticação, para que o leitor da denominada por “cultura de chegada” possa compreendê-lo de uma forma melhor. Isso está de acordo com a visão de Lambert (2011) sobre a tradução englobar as questões culturais para o público ao qual será destinada a tradução, observando quais são os moldes morais das pessoas que lerão essa obra, bem como as concepções políticas, literárias e linguísticas de tal sociedade. Portanto, a tradução se torna assunto de estudo, em suas palavras:

A tradução se torna assunto de estudo; procura-se saber quem produz traduções, para que público, com o auxílio de que textos, em que gêneros, em que línguas e linguagem, segundo que registros e esquemas literários, em função de que modos literários, morais, linguísticos, políticos; e ademais, em função de que concepção de tradução. (LAMBERT, 2011, p.15-16).

No entanto, além de a tradução ter se tornado um assunto de estudo, sabemos que por trás dos atos tradutórios existem relações de patronagem, ou mecenato, subjacentes às opções por traduções comerciais e traduções sem o objetivo único de vendagem, como aquelas de natureza cultural. O teórico André Lefevere (2007) apresentou o termo de patronagem, muito utilizado nos Estudos da Tradução, afirmando que existem relações de poder nos meios literários no que tange à tradução.



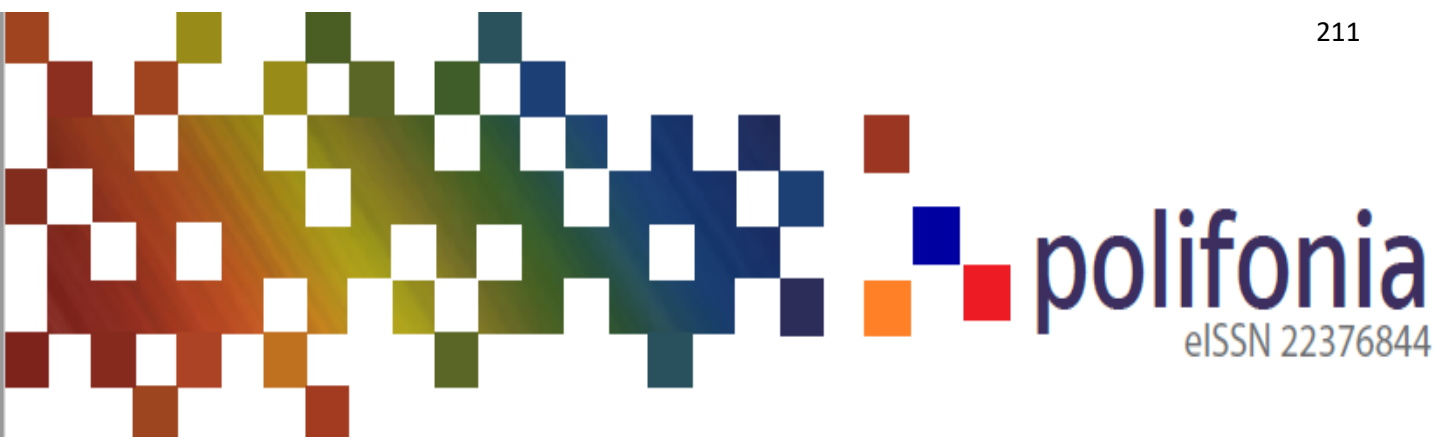
Consoante ao autor, aqueles que são donos de editoras, jornais, revistas ou até mesmo agentes que controlam a mídia, podem ser considerados os detentores do poder de coibir ou estimular a tradução. São aqueles que possuem o poder de exercer patronagem que controlam quais serão as formas de tradução fornecidas ao povo. Segundo o teórico, os detentores do poder de patronagem encontram-se no exterior do sistema literário, em suas palavras a patronagem é: “algo próximo dos poderes (pessoas, instituições) que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura” (LEFEVERE, 2007, p.34).

Por isso, quando falamos que a tradução de Ferreira (2012) parece mais domesticada e a escrita de Furtado (2015) parece mais estrangeirizante. Sabemos que as duas traduções possuem um foco diferente, e tendo como base a macroanálise dos livros feita anteriormente, aventamos que possivelmente essas traduções possuem públicos alvo diferentes no mercado.

Muitas vezes, mesmo que a tradução influencie fortemente nas vendas dos livros, o trabalho do tradutor nem sempre é valorizado, de acordo com Venuti: “Entretanto, os tradutores não podem senão se opor a esta invisibilidade, não apenas porque ela constitui uma mistificação de todo o projeto da tradução, mas também porque ela parece estar relacionada ao baixo status ainda atribuído ao seu trabalho”. (VENUTI, 1995, p. 111-112).

3. Para concluir

Tratando das obras aqui analisadas, podemos perceber que na capa da Editora Martin Claret encontramos uma frase logo abaixo do título do livro informando que essa versão foi traduzida por Roberto Leal Ferreira, mas quando olhamos para a capa da versão da editora Landmark não encontramos nenhuma menção ao nome da tradutora, pois somente na folha de rosto do livro encontramos o nome de Marcella Furtado.



Por isso, podemos interpretar que possivelmente a editora Martin Claret valorize mais o trabalho do tradutor e considere que colocando o nome do tradutor na capa possa obter algum tipo benefício. Todavia, a editora Landmark parece não considerar importante mencionar o nome do tradutor na capa, desvalorizando provavelmente, um trabalho que precisa ser mais valorizado.

Tendo como base as duas traduções, podemos afirmar que possivelmente a tradução de Furtado (2015), tenha como público alvo leitores que apreciem uma tradução que se aproxime mais do texto fonte, uma tradução mais “estrangeirizante”. E a tradução de Ferreira (2012) visa atrair leitores que prefiram uma tradução mais “domesticada”, todavia não podemos afirmar que uma tradução é melhor do que a outra, porquanto ambos tradutores possuem visões de mundo diferenciadas e as editoras possuem públicos alvo distintos, cada tradução possui seus benefícios e escolhas diferentes de vocábulos, o que as torna únicas.

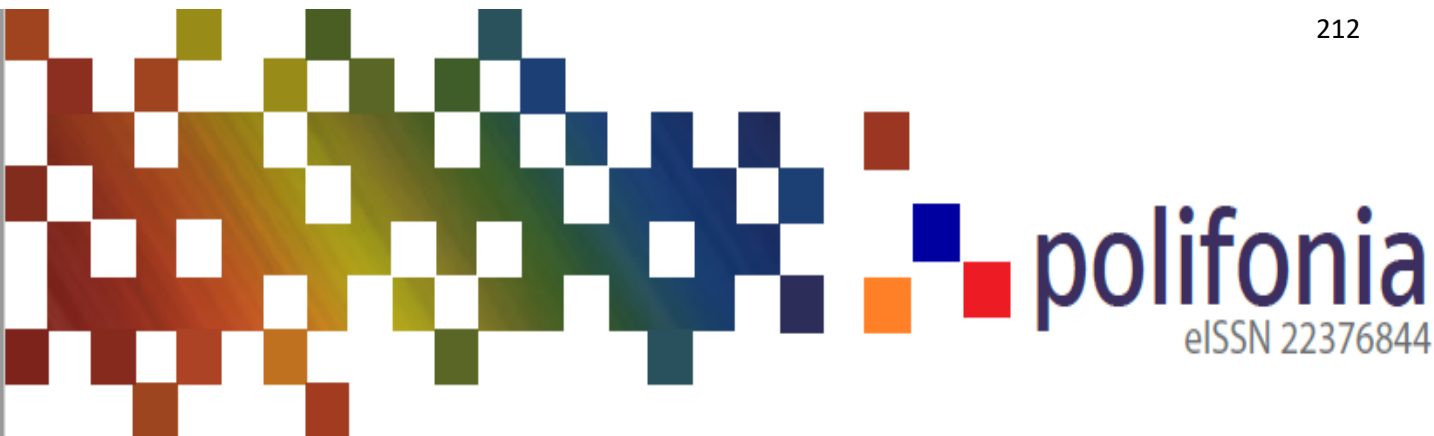
Referências

AUSTEN-LEIGH, James E. *Uma memória de Jane Austen*. Trad. Bruno José Loureiro. São Paulo: Pedrazul, 2014.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: MARTIN CLARET, 2012.

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Tradução de Marcella Furtado. SP: Landmark, 2015.

CYRINO, Fabio Pedro. FREITAS, Francisco. Prefácio. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. SP: Landmark, 2015.



EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics Today**: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication. v. 11, n. 1, 1990.

GENETTE, Gerard. **Paratextos Editoriais**. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006. Disponível em:
<<http://www.lettras.ufmg.br/site/publicacoes/download/palimpsestosmono-site.pdf>>
Acesso em: 05. Jun. 2019.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. **On describing translations**. In: LAMBERT, José. *Functional approaches to culture and translation: selected papers by José Lambert*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2006.

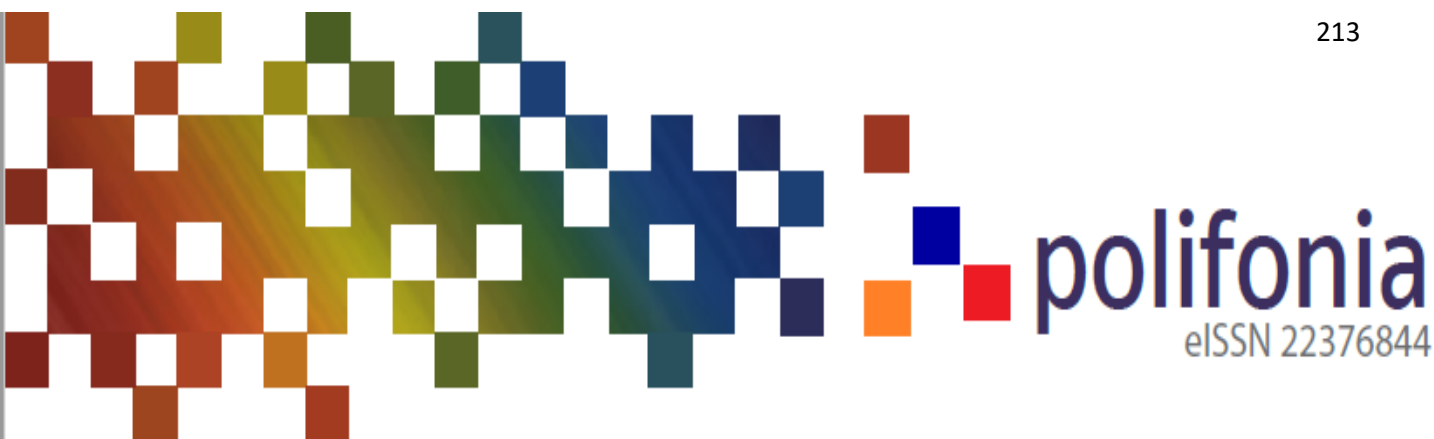
LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

REEF, Catherine. *Jane Austen uma vida revelada*. Trad. Kátia Hanna. São Paulo: Novo Século: 2014.

ROBINSON, Douglas. **Construindo o tradutor**. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2002. Cap. 10, 299-329.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Revised Edition. Philadelphia: John Benjamin Publishings, 2012.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**. Trad. Carolina Alfaro, 1995, Tradução de The Translator's Invisibility. Criticism, Wayne State UP.



VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

ANEXO A – ESQUEMA SINTETIZADO PARA DESCRIÇÃO DE TRADUÇÃO LAMBERT E VAN GORP (2006, p. 221)

Esquema sintetizado para a descrição de tradução

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On describing translations. In:
LAMBERT, José. *Functional approaches to culture and translation: selected papers by José Lambert*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2006. p. 46-47.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter (orgs.). *Literatura e Tradução: textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 211-212.

1.Dados preliminares

Título e página-título (por exemplo, a presença ou ausência da indicação de gênero, nome do autor, nome do tradutor)

Metatextos (na página título; no prefácio; nas notas de rodapé – no texto ou separado?)

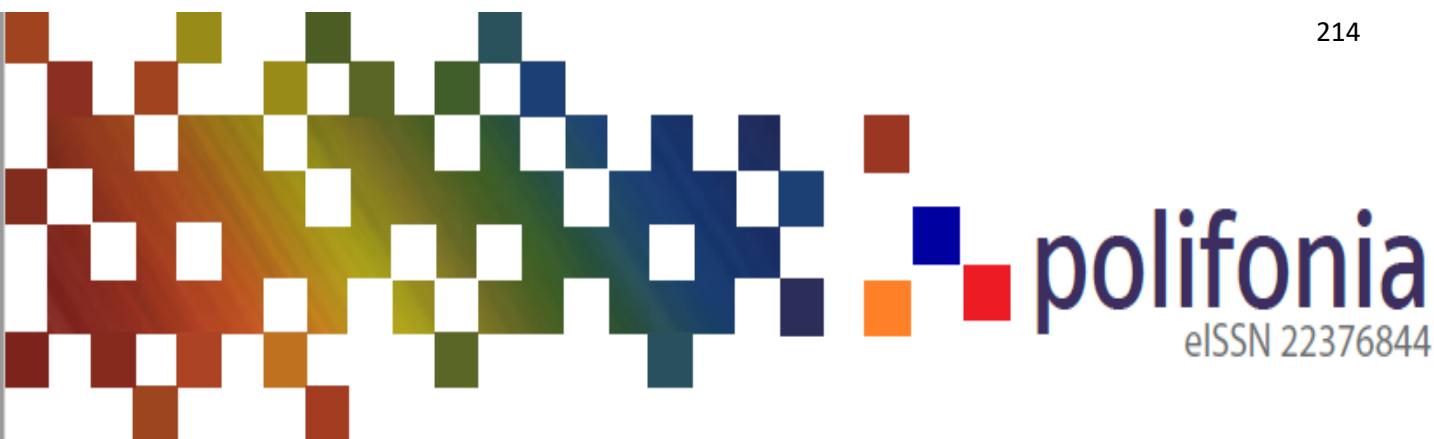
Estratégia geral (tradução parcial ou completa?)

Estes dados preliminares deveriam levar a hipóteses para análise posterior tanto no nível macroestrutural como no nível microestrutural.

2.Macronível:

Divisão do texto (em capítulos, atos, cenas, estrofes)

Título dos capítulos, apresentação dos atos ou cenas



Relação entre os tipos de narrativa, diálogos, descrição; entre diálogo e monólogo, voz solo e coro.

Estrutura narrativa interna (enredo episódico? Final aberto?); intriga dramática (prólogo, exposição, clímax, conclusão, epílogo); estrutura poética (por exemplo, contraste entre quartetos e tercetos em um soneto)

Comentário autoral, instruções de palco

Esses dados macroestruturais devem levar a hipóteses sobre as estratégias microestruturais.

3. Micronível (isto é, mudanças nos níveis fônicos, gráficos, microssintáticos, léxico-semânticos, estilísticos, elocucionários e modais):

Seleção de palavras

Padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias formais (metro, rima)

Formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta livre)

Narrativa, perspectiva e ponto de vista

Modalidade (passiva ou ativa, expressão de incerteza, ambiguidade Níveis de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão)

Esses dados sobre estratégias microestruturais deveriam levar a um confronto renovado com as estratégias macroestruturais e daí a considerações em termos do contexto sistemático mais amplo.

4. Contexto sistêmico:

Oposições entre micro e macroníveis e entre texto e teoria (normas, modelos)

Relações intertextuais (outras traduções e obras “criativas”)

Relações intersistêmicas (por exemplo, estruturas de gênero, códigos estilísticos)